



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Creemos que o acontecimento mais importante para a Vila de Fão, nos últimos tempos, foi a venda do Hotel do Pinhal ao empresário Manuel Barbosa.

Como todos se lembram, esta unidade hoteleira estava desafectada do préstimo turístico que era afinal a missão única para que fora construída. Tornava-se necessário injectar ali sangue novo (leia-se euro-dólares), mas os possíveis compradores, por terem que se vincular a esse único propósito (turismo), não apareceram; de facto, alguns que marcaram presença desviaram-se do itinerário inicial e nesse aspecto encontraram ou aperceberam-se de um *não* resolutivo por parte das autoridades competentes. Entretanto o edifício do hotel definhava-se e desfeiziava-se, tendo sido ajudado nessa descaracterização por um incêndio que ocorreu no mês de Agosto de 1995 e que deixou a sala do restaurante bastante desgastada. Havia e há gente que pretende ver o actual estado do hotel em sintonia com o que acontece presentemente com a vila de Fão; não é que a nossa terra esteja mais feia, mas está apática, sem vida, imobilizada no tempo. Se dantes se dizia que a freguesia de Fão era a terra do *lá vem um*, agora diz-se chocarreiramente a *rua de onde não vem nenhum*.

Como muitos leitores foram informados, Manuel Barbosa, não sendo um técnico hoteleira, tem génio sobrance de gestor, pois unanimemente é considerado um empresário de sucesso. Sonhou um projecto grandioso para o Hotel do Pinhal, projecto que transmitiu ao seu arquitecto e que este

plasmou no essencial. Chamamos-lhe *projecto grandioso* sobretudo no que diz respeito à sua volumetria e ao número de empregados que, segundo nos informamos, vai ultrapassar as cifras atingidas por Constantino Esteves, nos tempos áureos do turismo fangeiro.

A maquete, ou melhor, o ante-projecto já foi presente às autoridades competentes e dada a conhecer aos habitantes locais; mas, quer a APPLE

editorial

Sonhos a concretizar

(Área da Paisagem Protegida do Litoral de Esposende), quer a Câmara, quer uma comissão ad hoc criada em Fão com fins ecologistas, não deram o seu *imprimatur* pelo que o assunto, ou seja, o caso do ano mais importante para Fão, vai voltar, se é que não voltou, à estaca zero.

Tanto quanto nos foi possível prever, as árvores a derrubar serão em número insignificante. Não chegam à meia dúzia e se houver um bocado de boa vontade, elas poderão escapar ao suspeitado abate. E dizemos mais: Manuel Barbosa, num assomo de cínico porreirismo, poderá garantir às entidades competentes que, no final das obras, o número de árvores adultas será maior do que na altura em que foi o hotel comprado. Com efeito, será possível criar ali, na área do hotel, um outro

arvoredo com espécies adultas. A esse propósito a Expo 98 pode dar ou vender lições.

Tem de haver por parte da Câmara, do Governo Civil, da APPLE um grande empenhamento e uma não menor maleabilidade.

Este homem, Manuel Barbosa, já investiu na compra do hotel largas centenas de milhares de contos.

Pelos vistos está disposto a gastar algumas centenas mais na remodelação do complexo. Sem exagero podemos afiançar que mais de um milhão de contos vão ser investidos no turismo fangeiro. Já repararam no número de empregados que o complexo pode albergar? Mas não serão só os empregados quem vai beneficiar com o repor em actividade o Hotel do Pinhal. Os comerciantes vão facturar mais com a reabertura do imóvel. Quem diz comerciante, diz o Zé Barbeiro e outras pessoas da terra. Dizem-nos que a área que Manuel Barbosa pretende ocupar, ultrapassa as marcas. Portanto há problemas que têm que ser resolvidos. Isto significa que quer a Câmara quer a APPLE não devem dizer *não* mas apenas *vamos conversar*.

Estamos convencido que Manuel Barbosa por sua vez não vai fazer finca-pé nos seus projectos. É um homem de negócios e portanto um homem de diálogo.

Está à vista um projecto de revitalização do turismo de Ofir. Que ele se concretize devem ser os votos sinceros de todos os fangeiros e das autoridades.

EM TEMPOS DE INTEMPÉRIE RELIGIOSA

História do Celibato Eclisiástico

No último número do nosso jornal ficámos de trazer à colação celibato o eclisiástico que por um lado proíbe aos sacerdotes a possibilidade de casarem e consequentemente os obriga a manterem-se castos.

Nem todas as pessoas concordam com este ditame, mesmo pessoas que se confessam católicas, sendo a esperança de muitos destes fiéis que à *longa* esta espécie de puritanismo, acabe por desaparecer.

Alguns crentes esperavam ver no actual chefe de cristandade sinais de abrandamento no que diz respeito a um prelúdio da vida sexual do clero, mas, pelo que se lê e ouve, o actual Pontífice não se mostra para aí virado. Nem para o casamento dos padres nem para o divórcio dos casados. Estamos convencido que mesmo que um papa esteja receptivo à mudança, não se arriscará a mudar o status quo, pois o peso da responsabilidade é gigantesco e amedrontador. O melhor e o mais cómodo será deixar as coisas como estão.

Pois nós resolvemos fazer à volta do celibato sacerdotal umas sondagens de cunho histórico para

podermos concluir se tal medida foi de encontro às linhas de força que estruturar a sociedade de então, ou, pelo contrário, resultaram de um fanatismo religioso que se impôs contra tudo (leis, usos e costumes do tempo) e contra todos, ou seja, contra o tecido social de então.

Como o berço do catolicismo foi o Ocidente, mais propriamente a cidade de Roma, nós quisemos sondar a maneira de reflectir dos romanos nos primeiros séculos da era cristã. O que pensavam do casamento, que relacionamento existia entre o homem e a mulher, que moral defendiam ou praticavam.

O Director de
"O NOVO FANGUEIRO"
responde ao
Sr. Barra Reis

Última página

Havia naquele tempo dois compartimentos sociais distintos: cidadãos livres e escravos.

Os primeiros tenham muitos direitos e poucos deveres para os segundos e estes muitos deveres e poucos direitos ou nenhuns para os primeiros (cidadãos livres).

Os romanos entendiam que a escravidão era a sorte invariável do cativo vencido na guerra e a quem o vencedor podia matar ou poupar a vida. Resumindo: o escravo era propriedade plena do seu dono⁽¹⁾.

Pois até ao século III os escravos em Roma não podiam casar. Exceptuavam-se os administradores do seu amo ou então os escravos do imperador que eram os funcionários desse tempo. Estes felizardos possuíam uma concubina de forma estável. Não se sujeitavam à promiscuidade sexual em que viviam os outros homens e mulheres da sua igualha.

Daqui se pode concluir que só gozavam ou possuíam estatuto de pessoas casadas os homens livres e essa liberdade resultava da circunstância de serem filhos de um casamento de pessoas livres; outros eram filhos bastardos de uma cidadã; outros ainda tinham sido escravos mas foram libertados.

Deve dizer-se que o casamento romano era

(Continua na pdg. 7)

ESPOSENDE

Por **ARTUR L. COSTA**

Praia de Ofir:

Obras de recuperação e revitalização

A orla costeira limitada pelo rio Minho e pelo rio Ave vai beneficiar de obras de recuperação e de revitalização de áreas, nos seguintes concelhos: Caminha, Viana do Castelo, Esposende, Póvoa de Varzim e Vila do Conde.

Na cerimónia de assinatura de contratos-programa, acordos de cooperação há, em relação a Esposende, o de Qualificação do seu Litoral, celebrado entre a Câmara Municipal de Esposende e o Ministério do Ambiente. Presidiu, ao acto, a Ministra do Ambiente, Elisa Ferreira, acompanhada do Secretário de Estado Ricardo Magalhães. Pelo Município de Esposende esteve presente o vereador Dr. João Cepa.

O documento assinado refere-se ao investimento de 85 mil contos, 25% dos quais a suportar pela Autarquia e destina-se a obras de recuperação e de revitalização da área da praia de Ofir, em Fão. Inclui a obra de novo parque de estacionamento e a área envolvente à praia no espaço limitado pelo Hotel Ofir e as Torres.

A ministra, na circunstância, referiu-se à degradação do meio ambiente e, por isso, disse, "Temos de obrigar os portugueses a estacionar ou aparcas antes de entrar nas praias".

Ninguém poderá esconder o que se passa em termos de degradação do meio ambiente na área turística mais internacional do Concelho de Esposende. Tais obras, pelas informações da Ministra, esta será a primeira fase para valorização da orla costeira. As obras devem ficar concluídas no próximo verão.

A cerimónia que incluiu os restantes Concelhos da área abrangida, realizou-se em Santa Luzia, Viana do Castelo, no passado dia 25 de Setembro.

"Um Mundo de Crianças" exposição da OIKOS

Decorre a té 30 de Outubro, no Museu Municipal, a exposição da OIKOS, organização não governamental, que é "Um espaço lúdico-teatralizado, em que os mais pequenos são os seus actores, onde é dada a possibilidade de cada pequeno visitante fazer a sua experiência.

A exposição baseia-se no conto de Luísa Ducla Soares "Meninos de todas as cores", onde cada criança, imitando o principal personagem pode dar a volta ao Mundo e conhecer as suas várias situações.

Está prevista Formação dirigida a educadores de infância e professores interessados nesta acção.

A UNICEF aderiu à iniciativa e a Câmara Municipal de Esposende deu apoio às entidades envolvidas.

Bombeiros no combate aos fogos de Verão

Louvado Aspirante candidato a "Bombeiro do Ano"

As duas Corporações de Bombeiros do Concelho, a de Esposende e a de Fão "articularam bastante bem nos graves incêndios, onde actuaram" durante o período de Verão, com base no equipamento em desgaste e a ser substituído e, também, devido à experiência do pessoal dos quadros das citadas Corporações.

Os incêndios que deflagaram entre Abelheira e S. Lourenço, com Pinhote de permelo, atearam-se como por encanto em três frentes, na encosta do Monte de Marinhas voltada a poente. O Comandante Juvenal de Campos, de Esposende, tem fortes suspeitas de fogo posto, devido às suas características. De facto, salientou o Comandante,

onde há traçado a rasgar para novas vias, no caso de Esposende (a futura via rápida Porto-Viana do Castelo) toda a área ficou envolvida por anel de fogo, o mesmo sucedendo em relação à área de Palmeira de Faro, Gemeses e Gandra, em locais de acesso bastante difícil. Por isso, este e outros casos foram comunicados às autoridades para análise e averiguações. Saliente-se, todavia, que a intervenção das Corporações de Bombeiros circunscreveu os fogos com oportunidade e sem afectar quaisquer habitações ou causa de danos materiais elevados. Há a considerar que as referidas Corporações foram muito solicitadas para fora do Concelho e atingiram Melgaço.

Será de salientar, também, o parecer do Insp. Hercílio Campos, da Região Norte, quanto às origens da maioria dos incêndios: "são fruto de interesses de vária ordem, desde comerciais a pirómanos, talvez de interesse reivindicativo". Aceita, também, como provável tentativa de acto terrorista.

Entretanto, os Bombeiros de Esposende tiveram um acidente com uma das duas melhores viaturas por desabamento de berma, quando se prestava a fazer o ataque a uma das frentes de incêndio.

O número de sinistros decresceu, "por haver menor movimento nas praias da zona, talvez, por efeito da EXPO'98", esclareceu Juvenal Campos. Mas os acidentes de viação, graves, mantiveram-se em quantidade e danos de toda a espécie, incluindo mortes.

Na prevenção e vigilância na praia fluvial de Barca do Lago, os Bombeiros tiveram de acorrer a seis acidentes e foram salvas outras tantas pessoas. Por isso, mereceu elogio e louvor publicado em Ordem de Serviço do Comando, o Asp. Rui Antero Fernandes Ferreira, mergulhador e nadador-salvador por, no mesmo acidente, em 18 de Julho passado, ter salvo os dois intervenientes, em circunstâncias penosas e com risco grave de morte, para ambos. O facto foi participado à entidades respectivas, para ser candidato a "Bombeiro do Ano".

Padre Delfim Pinto Coelho:

Novo Pároco de Esposende e Vila Chã

O novo Pároco para Vila Chã (Administrador Apostólico) no dia 20 e de Esposende, em 27 de Setembro, foi empossado em cerimónia simples na Igreja Matriz, no decorrer de actos religiosos festivos nas respectivas Paróquias.

Vila Chã, com um caso que se arrastou por alguns anos, com várias cenas de desentendimento e desacatos entre os paroquianos, envolveu o Padre Manuel Brito, por acumulação em S. Paio de Antas. Enquanto não foi substituído, o clima tenso na freguesia manteve-se pois o presidente da Junta de Freguesia veio a público dizer que, os ânimos, só acalmariam com a nomeação de novo Pároco.

De facto, após reunião de 8 de Abril, no Paço Arquiepiscopal ficou assente que o Cónego Melo Peixoto, Vigário Geral assumia e assegurava os actos de culto na Paróquia de Vila Chã (Esposende) até à nomeação de novo Pároco.

A Provisão de 20 de Julho passado, do Arcebispo Primaz de Braga, nomeia Pároco de Esposende (Santa Maria dos Anjos) e o Padre Delfim Pinto Coelho, natural de Mire de Tibães, com 16 anos de sacerdote, antigo Prefeito do Seminário de Braga e Pároco de Esporões e de S. Vicente de Penso (Braga) e, Administrador apostólico da Paróquia de Vila Chã, com residência em Esposende.

O acto de posse e de entrada na Paróquia de Esposende realizou-se na tarde de domingo, 27 de Setembro, com solenidade e a presença de inúmeros fiéis do Arcebispado e das anteriores Paróquias. Na oportunidade o Arcipreste de Esposende, padre José Vilar, leu o documento de nomeação e nas palavras que proferiu, deixou a certeza que a Paróquia fica bem servida e, também, de sacerdote com as capacidades na continuidade pastoral dos últimos tempos e na luta aos novos desafios à Igreja Católica.

Na homília, o novo pároco deixou bem expresso o seu programa pastoral se, para tanto, houver apoio e ajuda dos seus paroquianos, quer na vida paroquial, quer nos actos de actividade material.

Mons. Baptista de Sousa que resigna da função de pároco devido a doença, vai continuar a residir na Paróquia, onde viveu mais de 30 anos. Será uma figura que dificilmente se apagará da memória de quantos o conheceram.

Presentes, as autoridades civis e religiosas, Confraria e Associações religiosas.

Cadernos das Festas na Biblioteca Municipal

Foram oferecidos à Biblioteca Municipal Manuel de Boaventura, pela Comissão de Festas/98, os cadernos publicados pelas Comissões de Festas à senhora da saúde e Soledade, desde 1992 até 1998.

Nos cadernos consta temas históricos desde o Foral de S. Sebastião até aos nossos dias, passando por textos com referências a Associações de acção social e, também, o historial das festas à Senhora da Saúde e Soledade, iniciadas em Agosto de 1902.

No caderno de 1998, por iniciativa da Comissão de Festas, o espaço redactorial é dedicado a Mons. Baptista de Sousa que foi Pároco de Esposende durante 31 anos. Escusado será dizer do interesse destes cadernos para o futuro e, da oportunidade e da iniciativa da Comissão de Festas de 1998.

Viaturas destruídas por incêndio

O Largo Tomás de Miranda, funciona como parque de estacionamento a muitos dos moradores desta área urbana da cidade. Nem por isso evitou um sinistro que destruiu duas viaturas particulares.

O sinistro ocorreu na madrugada de 17 de Setembro e, embora houvesse socorros imediatos com extintores, nada evitou a destruição dessas viaturas. Uma delas, propriedade do prof. António Capitão Ribeiro, acabada de estrear, nada se aproveitou. Outra, embora danificada, também, pouco resta.

Segundo informações, no local, foram encontrados vestígios de fogo posto. Não é conhecido o autor, no entanto, há suspeitas.

A GNR do Posto local tomou conta da ocorrência.

Dadores de Sangue em recolhas

A Associação de dadores de Sangue de Esposende continuam a fazer as habituais recolhas pelo Concelho.

No próximo dia 4 de Outubro, a Brigada do Instituto Português de Sangue, desloca-se a Rio Tinto; a 25 de Outubro desloca-se a Belinho e a 22 de Novembro estará em Apúlia.

A segunda volta ao Concelho de recolhas voluntárias e benévolas de "Sangue de portugueses para os portugueses" está em marcha e, face aos resultados do primeiro semestre, conforme noticiámos, motiva a Associação em manter as suas acções humanitárias. O Instituto Português de Sangue continua a dar o seu apoio logístico, sempre útil.

Bombeiros de luto: morreu o 2.º Comandante

João Gonçalves da Silva, 78 anos, viúvo era

o Bombeiro mais antigo da Corporação de Esposende. Foi a enterrar no dia 30 de Setembro com inúmeros bombeiros da região e do País a prestarem as honras devidas ao veterano companheiro.

Doença incurável fez tombar o bombeiro, já que das missões ao longo de 60 anos de serviço, não o venceram. Por isso, técnico competente e dedicado à causa do voluntariado demonstrou as suas qualidades no lema "Vida por Vida".

Foi distinguido com importantes condecorações de que se destaca: crachá de ouro da Liga dos Bombeiros Portugueses; Medalha de Prata, Mérito Municipal; Medalha de Ouro Serviços Distintos da Corporação; Medalha de Prata do Instituto de Socorros a Náufragos. Desempenhou as funções de 1.º Comandante interino e era o 2.º Comandante, nomeado em 12.03.96.

Os bombeiros estão de luto: morreu um valoroso e dedicado Voluntário.

Falecimento

D. Maria Aldina Correia Ferreira Costa

Devido a doença prolongada faleceu no dia 2 de Outubro corrente Maria Aldina Correia Ferreira Costa, 78 anos, natural de S. Bartolomeu do Mar e radicada em Esposende onde residia e contraiu matrimónio.

A saudosa extinta deixa viúvo Bento Lopes da Costa, Coronel de Infantaria na reforma; era mãe dos Eng.os Alexandre Manuel e de Nuno Maria; de Maria Isabel Ferreira da Costa, funcionária pública, ausentes em Lisboa, onde exercem as suas actividades profissionais.

O funeral realizou-se para o cemitério Municipal, ficando depositada em jazigo de Família.

Aos familiares, em especial, ao Coronel Bento Lopes da Costa, os sentimentos de muito pesar de "O Novo Fangeiro".

EUSÉBIO DE CAPA E BATINA



O popular, em todo o mundo, e excelente jogador que foi Eusébio não chegou a estudar em Coimbra. Mas, recentemente, "O Novo Fangeiro" conseguiu "apanhar" o magnífico futebolista de capa e batina. Aconteceu durante a sexta edição da festa luso-galaica que o nosso amigo Germano Ramalhosa realiza sempre com muito carinho e entusiasmo, dando valor às potencialidades das duas regiões vizinhas e amigas. Integrados no grupo de fados coimbrão "Sons de Coimbra", que já conta 25 anos, ambos "ajudaram" a que soassem ainda mais afinadas(!) a música e palavras do "Coimbra tem mais encanto..."

Mas houve mais estudantes na festa: os da Tuna da Faculdade de Direito da Universidade de Santiago de Compostela. E também os cantares do grupo de Venade (Caminha), a música vibrante da orquestra "Compostela", poesia por João Fontes, João Venâncio Marques, Tino Val Costa, artes plásticas no anuário da "Estar" e também os quadros das pintoras Maria Cândida Enes e Elisa Cupero.

O BOM JESUS DE FÃO

POR CARLOS MARIZ

A INVASÃO DAS AREIAS – A IGREJA MATRIZ E O BOM JESUS

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

II-F) – A FOZ DO RIO CÁVADO

Mauel Falcão Machado refere que a foz do Rio Cávado encontrava-se no meio dos Cavalos de Fão⁽²²⁾.

José Felgueiras em "A Pilotagem e os Pilotos-Mores da Barra de Esposende" diz que o rio desaguava em linha recta, a barra era mais larga e abrigava-se pelo leste dos Cavalos de Fão e era acessível e segura.

Depois o rio assoreou-se, tapou a barra de Fão e passou a desaguar pelo braço do norte (barra de Esposende), que o cabedelo empurrou até ao regato do Peralto. Esta situação foi corrigida em 1795, como vimos.

Os romanos chamavam aos Cavalos de Fão Promontório Avaro. Isto pressupõe que havia um cabo, formado por uma montanha. Isso foi possível? Há vinte mil anos o glaciador fez baixar o nível das águas do mar cem metros e a actual plataforma continental estava a descoberto. Assim, a costa em frente a Fão estava uns 25 a 30 quilómetros, mas dentro, relativamente à linha actual da costa^(26A).

Depois houve subida das águas com o degelo e novo revaixamento com o glaciador de há dez mil anos. Em seguida houve avanços e retrocessos das águas devido ao aquecimento do clima e ao aparecimento de pequenos glaciares, por arrefecimento do ar. O nível das águas do mar chegaram a subir três centímetros por ano (actualmente sobe cerca de um milímetro)^(26A).

Entre 1400 e 1200 a.C. o nível das águas marítimas era mais baixo que o actual dois metros e chegou a baixar depois um pouco mais^(26A).

Um estudo feito por A. Martinez Cortizas e M. Costa Casais, publicado na Revista Galaeica, n.º 16, refere que no período de há 3000 anos houve avanços e retrocessos do mar na ria de Vigo na ordem de cem metros. O aquecimento do clima entre os séculos II a.C. e o século VI depois de Cristo fizeram desaparecer debaixo das águas um povoado galaico-romano e suas marinas (confluência das ruas do Hospital de Pontevedra). A vila galaico-romana de Noville (Mugaridos) após o seu abandono pacífico no século VI d.C., foi invadida parcialmente pelo mar. Restos romanos encontrados a poente do Burgo de Pontevedra estão hoje debaixo do nível do curso do rio Lerez.

A ilha de Toralla esteve ligada ao continente por um istmo arenoso pelo menos durante 500 anos.

Os romanos conquistaram a Península Ibérica entre 195 e 133 a.C. e aqui permaneceram até à invasão dos bárbaros (Alanos e vândalos e suevos (409 d.C.) e Visigodos (465-484 d.C.)).

Assim, é bem provável que a terra firme fosse até aos Cavaos de Fão e daí "Promontório Avaro". Estará a Fão romana debaixo das águas do mar?

II-G) – AS SALINAS

O Padre Chaves diz que as salinas ficavam nos terrenos a norte do rio Cávado e se estendiam até às Marinhas⁽¹⁹⁾. José Felgueiras dá igual informação⁽²⁰⁾, bem como o Capitão Larcher, que diz que D. Afonso Henriques doou os dzimos das salinas aos Frades do Convento de N.ª Sr.ª da Atalaia⁽²¹⁾.

Essa doação, segundo o Dr. Manuel Albino

Penteado Neiva foi feita a 13 de Agosto de 1153 ao Mosteiro de Nossa Senhora da Abadia, de Santa Maria de Bouro⁽²³⁾.

Manuel Ayres Falcão Machado indica como data da doação 1160⁽²⁴⁾.

Já antes, em 959, Didacus prolis Merendiz e sua mulher Ildóncia, legara ao Mosteiro de Santa Maria de Guimarães, com a Vila Rural de Fão, as respectivas salinas, que possuía⁽²⁵⁾.

Um Paio Forjaz doou à Sé Bracarense as suas marinhas em Fão no caso da filha morrer semdescendência⁽²⁰⁾.

II-H) – COMENTÁRIO

O Padre Chaves localiza os lugares de Fão, Ramalhão e Ofir na margem norte, em tempos idos, o que parece em contradição com a localização das salinas, salvo se o rio desaguava em delta. Aparentemente parece confirmar o Padre Chaves o Pároco de gandra em 1758 e a existência de uma leira na Agra de Fão, que é Gandra (ver OO C).

A natureza certamente faria o rio, vindo da Barca do Lago, seguir em linha recta e só o paredão do Caldeirão o desvia mais para norte. A referência ao cavar uma nova foz é reminiscência dos trabalhos do Engenheiro Vilas Boas em 1795/1800.

É provável que na era de dominação romana o rio tivesse um curso muito diferente do actual.

NOTAS: (19) "Elementos para a Hist. de Fam. de Fam; (20) B1 n.º 19, de Esposende, pág. 212; (22) Monografia de Esposende, pág. 45; (23) Esposende, Páginas de Memórias; (24) Esposende, Monografia, pág. 44; (25) Portugal Monumenta Histórica, Dipl. Ch. n.º 77 e Vimarais Mon. Histórica, pág. 421; (26) J. Veríssimo Serrão – História de Portugal, vol. I, pág. 209; (26A) Grande Atlas do Mundo – B1b1 – Planeta e História do Mundo – Primeiras Civilizações, de Selecções do Reader's Digest. Se houvesse o degelo total dos glaciares que cobrem a terra hoje o mar subiria 60 metros.

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

*Outoño, virar de página
Pedras que foram cantadas.
Chuva que cai nos teus becos
Ouço daqui as pancadas.
Daqui, dacolá, dalém
De qualquer sítio onde esteja
São as pedras que Fão tem.
QUE eu vejo sem olhar!
Milagre da minha infância
Posto em mim até velhinha.
Tanta pedra percorrida
Por esse mundo onde andei
Só Fão, soturno e romântico
Mata estas sedes infandas.
Sedes de Amor e Carinho
Fomes de calcar vielas
QUE talvez, quem sabe,?
Fizeram de mim quem sou!
Muito pouco, concordo
Mas tão diferente, tão especial
Como tu, ó Fão!*

OS CORREIOS – História e a sua evolução desde a antiguidade (PARTE III)

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

À medida que os milénios passam, mais rapidamente nos aproximamos dos tempos modernos. Nesta parte são abordadas as organizações de Correios nas civilizações da antiguidade, épocas de antes de Cristo (a.C.) e, bem assim, a evolução da escrita, para melhor se entender a função dos Correios na História e no tempo.

• Material usado na escrita

Na Babilónia (Mesopotâmia) e Assíria, em geral, no Médio Oriente, escrevia-se gravando na pedra e no barro, que depois era cozido.

Na China usavam placas metálicas, o bambú, a seda e, a partir de 195 a.C. o papel que, parece, foi inventado pelo chinês Tsai Lun de Cantão. Este, amassou fibras vegetais de amoreira ou de bambú e formou uma pasta. Estendeu-a e, depois de seca, resultou numa folha flexível: assim nasceu o papel.

Os chineses fabricavam o papel com restos de cânhamo ou trapos. Dissolviam em águas tinta sólida e com o uso de pincel, desenhavam os caracteres do alfabeto.

Entretanto, os árabes, em contacto com os chineses, conheceram a técnica de fabrico do papel em 751. Introduziram-no na Península Ibérica, em 1150. Na Índia escrevia-se em folhas de palmeira.

Egipto, o cyrus papyrus crescia nos terrenos alagadiços junto ao rio Nilo. Os antigos egípcios descascavam o caule do papiro (pois era este o material usado), cortavam o interior em tiras de 50c de comprimento. Estas eram colocadas em camadas perpendiculares sobre um pano. Prensadas, transformam-se numa folha sólida. Depois de secas, as lhas de papiro, eram coladas umas às outras com cola feita de farinha. Usavam tinta composta de fuligem e águas, para nelas escreverem.

O pergamo ou pergaminho substituiu o papiro pois, a sua grande difusão e consumo fez esgotar as reservas. Assim, na cidade de Pérgamo, dos Gregos, da Ásia Menor em 195 a.C. um dos grandes centros da civilização helenística, com uma biblioteca de mais de 200.000 volumes, no século I da nossa Era, devido à falta de papiro começou a curtir peles de ovinos, de caprinos e de bovinos. Desengordoradas e raspadas com pedra pomes, obtinham uma folha, novo suporte para a escrita: era o pergaminho.

A fim de conseguirem escrever na pele, era utilizada uma pena de ave (o cálamo), rachada na ponta. Por serem mais resistentes e macias passaram a ser as preferidas as penas de ganso e de corvo. Também usaram como pena, o junco rachado na ponta.

Os romanos usavam tabuínhas escavadas no meio. Enchiam a concavidade com cera amarela ou preta. Para se formar um livro furavam dois cantos dessas tabuínhas, por onde passava um cordel que as prendiam. A parte externa da primeira e última tabuínha não levava cera. Como instrumento de escrita era utilizado um estilete aguçado. Para apagarem os erros ou defeitos era aplicada a outra extremidade, de forma arredondada.

• O Correio nos países antigos

Mesopotâmia – No período entre 1415 a 1155 a.C. havia guerras e acções diplomáticas constantes pelas quais, o faraó do Egipto, o Imperador Itita, que dominava a Anatólia (da Turquia actual) e o rei

Mitani, tentavam dominar o Levante (costas da Síria, Líbano e Israel).

As cidades do sul da mesopotâmia, governadas pela dinastia Kassita, com a capital em Babilónia e outras cortes do Médio Oriente, trocavam entre si constantes correspondências diplomáticas. Usavam o acádio na linguagem diplomática e redigiam as cartas na escrita cuneiforme.

Como a região estava dividida em pequenos Estados parece, não tiveram um serviço organizado de correio regular. Eram meras trocas de mensagens por correios diplomáticos ou levaram cartas dos reis ou dos comerciantes aos seus destinatários. É provável que os comerciantes utilizassem, também, as caravanas para mandarem as suas mensagens.

No século XV a.C. os governantes do Egipto, de Mitani, da Assíria, da Babilónia, de Elam e da Anatólia trocavam correspondências entre si, presentes e, até noivas.

No Egipto – Foi criado o primeiro serviço de correio, há mais de 3000 anos, por Faraó da 19.ª dinastia. O império egípcio era enorme e os correios, ao serviço do faraó, levavam as suas ordens e leis a todos os povos do seu reino.

Existe um papiro em Hibern, datado de 255 a.C. que fornece indicações sobre a organização do serviço de mensageiros egípcios. Af se conta a forma de encaminhamento das cartas, mensageiros em serviço, viaturas empregadas, género de remessas e destinatários. Destes, os mais mencionados são o Faraó e o seu ministro das finanças. Daqui deduzem os historiadores que o serviço de correios destinava-se exclusivamente ao serviço oficial. Eram frequentes as relações com todas as províncias ainda as mais distantes.

Os mensageiros tinham de ser robustos, capazes de percorrer longos caminhos, a pé. Em geral, tais mensageiros, antes de partir, devido ao perigo dos caminhos legavam os seus bens aos filhos. Regressados, pouco tempo estavam com a família, pois o serviço do Faraó não permitia demoras. Estas indicações constam em documento de 2300 a.C.

Anos passados, com a desagregação do império, desapareceu a organização postal egípcia. Mohamede Ali, vice-rei do Egipto (1811/1848) mandava transportar os despachos governamentais por precursor que procedia ordinariamente a viatura dum alto funcionário, para bem marcar a sua classe e importância.

Além do correio oficial, existiu no Egipto uma posta privada, que ia do Cairo a Alexandria em 24 horas (200 quilómetros). Mas, os correios oficiais, foram autorizados a transportar correio particular.

Pérsia – Era um grande império (550 a 331 a.C.) e nele construíram uma importante rede de estradas que permitia deslocamentos rápidos e seguros a quem viajava para tratar de assuntos do estado. No século IV a.C. nas zonas montanhosas as passagens não eram muito seguras e até o próprio rei pagava a quem o protegesse, para aí passar.

A vastidão do império obrigou a criar um serviço de correios eficiente. Assim, em cada estrada e em pontos equidistantes, os persas instalaram estações de muda, onde se realizava a substituição de homens e cavalos, cansados pela corrida. Os mensageiros percorriam tais distâncias de dia e de noite com a maior celeridade, em quaisquer condições climáticas.

Foram os persas os primeiros a usar o cavalo

para a transmissão de notícias. O próprio imperador Ciro (558 a 528 a.C.) calculou pessoalmente as distâncias que um cavaleiro podia percorrer num dia e mandou construir estações de muda distantes uma jornada, entre duas. ao chegar a uma estação de muda o mensageiro e a cavalgadura eram substituídos por outro, para transmitir as mensagens urgentes.

Uma estrada militar, calçada ia do Mediterrâneo ao Golfo Pérsico (2500 quilómetros) e ligava Sardes, residencial real à capital Susa. Esta, tinha 111 estações de muda e, para a percorrer, uma caravana gastava 90 a 100 dias, mas o correio real fazia o percurso entre seis a oito dias.

Heródoto relatou a remessa de uma mensagem especial de Harpagus, parente do rei, que foi colocada no ventre de um coelho. Este, foi transportado por um dos criados, vestido de caçador que, ao entregar a peça de caça informou Ciro para ele próprio abrir o coelho, sem a presença de alguém. Ao fazê-lo, Ciro encontrou a carta. Rigoroso sigilo.

O Correio na velha Grécia – País montanhoso provocou o seu isolamento das comunidades, ciosas da sua independência e, por isso, criaram instituições políticas próprias. Por todo o mundo Grego espalhou-se uma multidão de pequenos estados, por vezes constituídos por uma cidade, porque não aceitavam um domínio comum. As estradas da velha Grécia eram medíocres, difíceis de percorrer devido às montanhas o que impossibilitava a instalação de serviço de mensageiros. Cada estado tinha os seus correios que eram denominados Hemeródromos. Percorriam longas distâncias num dia. Mas, nalguns estados os Hemeródromos eram um grupo de funcionários subordinados à autoridade administrativa para transportarem os despachos oficiais.

Ficou na história o caso do mensageiro que trouxe a notícia a Atenas, do desfecho da batalha de Maratona que, depois de gritar “vitória” caiu exausto e morreu.

Os gregos realizavam intenso comércio marítimo o que facilitava a troca de notícias, quase sempre oralmente.

Para os negócios políticos e militares usavam os Hemeródromos que a pé percorriam as distâncias mais depressa que a cavalo, devido a utilizarem atalhos e veredas nas montanhas. Heródoto refere que o Hemeródromo Phidippés ia de Atenas a Esparta em dois dias (230 quilómetros).

Carlos Mariz
Artur L. Costa

E A DESFOLHADA VOLTOU

E até é verdade. A Cooperativa Cultural de Fão levou a efeito, num dos últimos dias de setembro, uma alegre desfolhada. Só que desta vez os desfolhadores actuaram fora do seu âmbito normal. Com efeito o sítio onde foram retiradas as espigas localizara-se em Gandra.

Por isso alguns trabalhadores apareceram de barco. Foi uma tarde bem passada e depois, ao cair da tarde, todos rumaram em direcção aos eucaliptos do Pacheco, aliás o sítio tradicional das desfolhadas anteriores e aí, ao som de cantigas, orientadas pelo Armando Barbosa e Armando Solinho, comeu-se, bebeu-se e cantou-se.

Para o ano e para quem foi noivo, haverá mais.

PÁGINA JOVEM

BUSCA

Olá jovens! Lá se foi o Verão e agora aí está o Outono a lembrar-nos que mais um ano de trabalho nos espera. Vamos a ele com coragem e determinação, pois cada ano nos vossos estudos é um passo que vos aproxima da meta. E a partir dela se construirá o vosso futuro. Bom ano escolar!

MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA

EM S. JOÃO DE CAMPO (Cont.)

Aproximava-se o Outono, as férias estavam para acabar. Eram as andorinhas, cujos ninhos cobriam quase por completo os beirais dos telhados, que começavam a reunir-se em grupos em todos os arames ou fios que encontravam preparando-se para a grande viagem em direcção ao Sul. Eram as vindimas e o fabrico do vinho dominando todas as actividades, a fruta que começava a desaparecer ficando só por fim alguns pêssegos e peras serôdios, uma ou outra maçã, enquanto os marmelos amadurecia, e amarelavam.

A terra ia apresentando a renovação de sempre. Os restolhos dos milheirais, na quinta e nos campos do Mondego, começavam a reverdecer e a apresentar novos encantos. Sobretudo nos campos mais húmidos, nas beiras dos riachos e das "barrocas", as milhas ostentavam as suas espiguiinhas erectas e roxas, as verdizelas a sua delicadíssima corola branca, as flores amarelas e truculentas das abóboras vinham dar nova animação aos campos... E maciços de hortelã silvestre... Os guarda-rios mostravam com mais frequência o seu rápido rasto azul e verde e os desajeitados alfaiates passeavam sobre a água da ribeira...

Nos choupos começavam a aparecer folhas douradas, tons acastanhados e vermelhos nas videiras. Já não se ouvia o canto dos pintassilgos e das aves do Verão. As lavandiscas, as codornizes, os pintarroxos, as aves de arribação preponderavam agora.

Era como que uma preparação que me era oferecida para me ir sensibilizando para a paleta e a sonata do Outono.

Acho que devo muito a esses tempos de férias em S. João do Campo.

ANTÓNIO CORTESÃO

in "A Cinco Vozes"

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

PAUSA PARA SORRIR

Numa escola. Um aluno muito tímido e nervoso está a ser repreendido pelo professor, que acaba de corrigir o ditado feito há pouco.

- Parece impossível, menino! O teu ditado está cheio de erros! Mas o mais grave é que escreveste honrrado, com dois rres!!! Safa já um deles, depressa!

O aluno, muito atrapalhado, pergunta:

- E qual é que o sr. Professor quer que eu safe? O primeiro ou o segundo?

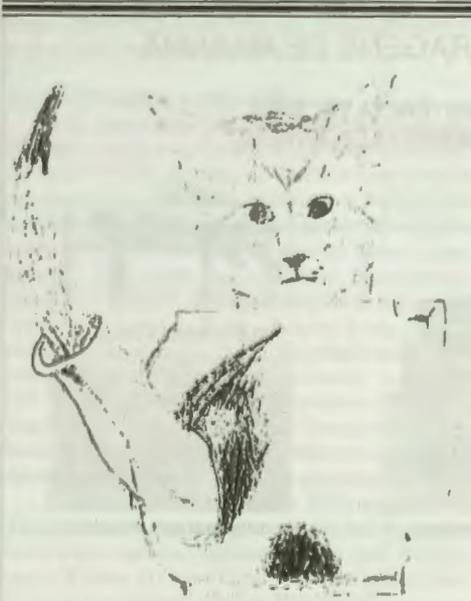
Numa festa dos santinhos de Junho, um sujeito bebeu mais do que a conta e ficou embriagado. A cambalear, meteu-se ao caminho para casa, que não era longe. Mas, com a bebedeira, via o chão como que a fugir-lhe debaixo dos pés.

Então gritou:

- Meu Santo António, meu São João, meu São Pedro, ajudai-me!

Quase logo, desequilibrou-se e caiu. Levantou-se como pôde, e, erguendo os olhos ao céu, reclamou:

- Calma, calma! Não ajudem todos ao mesmo tempo!...



Desenho de JOANA SÍLVIA (9 anos)

*Procuro algo grandiosamente
Supremo e sublime,
Algo único,
Algo tão puro
Como o pensamento.
Talvez algo que
Não existe.
Talvez ande numa
Corrida desenfreada,
Em círculos,
Dentro do meu
Próprio imaginário.*

MARTA MARIZ MENDES

19 anos

SOM DO MUNDO

SINTO O SOM DO MUNDO
VEJO AS COISAS NUAS
OUTRA DIMENSÃO

ACORDO O CORAÇÃO
FALA-LHE O MUNDO
O AMOR SEM RAZÃO

INOCÊNCIA DO SER
CRIANÇA A CRESCER
PAZ POR PERTURBAR

LÁBIOS MARCADOS
SERES DESTROÇADOS
FUNDAMENTOS OSCUROS

SURDAS AS PALAVRAS
QUE OUÇO NA AUSÊNCIA
VIVO NA INTRIGA

FILIPA MAGALHÃES

18 anos

AINDA O PINHAL DE FÃO

(CONTINUADO DO NÚMERO ANTERIOR)

Por M. R.

Pois bem, calcorreei em adolescente junto com minha mãe dezenas de vezes esse caminho. Porquê? Porque naquele tempo o pinhal era intercalado por campos, nos quais estava sempre alguém a trabalhar. A gente percorria aqueles espaços sem medo. Se a gente desse um grito, não faltava logo quem viesse com uma sachola para nos defender.

E hoje? Quem se atreve sozinho por qualquer destes caminhos, muito especialmente se for mulher? Só vedes floresta de Fão até Apúlia. Sois capazes de ir e ver sem encontrar viva alma. Dirão: porque hoje já quase todos têm carro. Vão pela estrada Nacional ou vão pela estrada Ofir-Apúlia.

Isso em parte é verdade. Mas também é verdade que os campos que havia ao longo destes percursos, deixaram de o ser. Os campos de então transformaram-se em florestas. Vêde o campo do Leonardo adiante do campo de futebol. Era um forte campo produtor de linho. Hoje que vedes? Uma floresta fechada. Por detrás do parque de campismo tudo eram leiras de cultivo. Eira e leira do meu tio Manecas, a leira das Veritas, da Figueira, da Miquinhas Calheiras, da Maria Bexiga, da Almerinda Moisés, das Vieiras, etc., etc.

Cada família tinha o seu pedaço de terra para cultivar. Hoje é? Floresta e mais floresta.

Onde estão a construir aquele complexo habitacional, por trás do pavilhão gimnodesportivo, era o campo da Rosinha Secura. Vendeu-o às Mijónas de Apúlia; estas, por sua vez, venderam-no a Carolina Puxes, que por sua vez vendeu ao empreiteiro actual. Era um campo de cultivo.

Por isso, que não se aflijam os anunciadores de catástrofes, os vendedores de calamidades, Portugal é dos países que mais floresta tem em relação aos metros quadrados e à sua população.

Se queremos continuar a ser o país da cauda da Europa, continuem a boicotar aulas, continuem a boicotar fábricas, continuem a boicotar pontes e

estradas, continuem a boicotar construções, continuem a boicotar tudo.

Algumas pessoas são do contra, seja lá do que for, seja para bem, ou seja para mal. Podiam formar um partido que se intitulasse somente o partido dos contra.

São como os velhos do Restelho, temem o progresso. Se todos assim pensassem, ainda não tínhamos saído das cavernas, em que cada um escavava o seu buraco na rocha para aí se abrigar.

Por isso Apúlia cresceu, Esposende cresceu e Fão está a encolher-se em relação aos vizinhos. Quando se fala em fazer qualquer coisa nesta terra, aparecem logo os apregoadores de desgraças a gritar aqui d'El-Rei, quem nos acode?!...

Se perguntarem à maioria dessas pessoas quantas árvores já plantaram, salvo raríssimas excepções, a resposta seria nenhuma. Se perguntassem quantas árvores jovens já destruíram, se repondessem com sinceridade, a resposta seria: muitas. Muitas das pessoas pelo Natal, para levar um pinheirinho para casa, deixa uma dúzia deles cortados no chão. Porque cortou o primeiro e, depois de cortado, não gostou, aquele além parece maiorzinho, mas depois verificou qu aquele outro é mais uniforme, mas depois achou que aqueloutro é mais frondoso e assim sucessivamente, para levar um para casa, destroem uma dúzia deles.

Há ainda aqueles que de noite ou até em pleno dia, como já tenho visto, que levam o fogão velho, ou o colchão, ou o frigorífico e toda a espécie de entulharia e atiram para o meio da floresta, sem o mínimo respeito pelos proprietários do terreno que fizeram sacrifícios para comprar aquele pedaço de floresta e desrespeitando a comunidade em geral. Porque a floresta, mesmo tendo dono, beneficia a todos.

Queria perguntar a alguns, quando têm as suas economias, quantos são os que as investem em terreno para florestar ou já florestado. Nada.

Absolutamente nada! Investe-se em mais uma casa, num carro, umas férias, ou dinheiro branco. Os que tanto falam na floresta nunca investiram nela, nunca fizeram sacrifícios por ela. A floresta até serve para luta político-partidária. Afinal todos sabem que é isso, e só.

Não tenho paixão por nenhum partido. E tenho pena, muita pena, que por causa da luta de poderes as pessoas entrem em conflito quando está em causa o progresso da nossa terra. Algumas pessoas argumentam que as casas não trazem progresso a Fão.

Em resposta a isso, eu faria uma pergunta. Quantas famílias ganham o seu sustento (não digo à custa das casas do pinhal, porque elas contribuem com o seu trabalho) e vivem desafogadamente porque tem a seu cargo pagar as contas de água, luz, e arejarem de quando em vez as tais vivendas. Outros encarregados de manter os jardins e relvados limpos e frescos. Outros para fazerem limpezas. Os que vêm aos fins de semana não dão movimento aos cafés e restaurantes, bombas de gasolina, etc.?

As casas depois de feitas não continuam a precisar de manutenção e conservação? Quem tem uma vivenda, não tenta sempre melhorá-la? Ele é uma piscina ou um arruamento no jardim, ou umas grades, ou um anexo para arrumos, ou um parque para as crianças, não têm fim a mão de obra de que uma casa precisa.

Só quem fala sem pensar diz que as casas não trazem progresso à terra.

Onde só há floresta, nem os próprios donos se atrevem a ir sozinhos (vejam só o que aconteceu há bem poucos anos a duas mulheres de Fão, atacadas por um energúmeno) acabando isso sim, por ficarem ao abandono, se tornar numa selva de austrálias, silvas e lixos de toda a espécie.

FALECIMENTO

No Lar da 3.ª Idade faleceu João Carlos Faria que foi exemplar bombeiro. Muito educadinho, cumprimentava as pessoas com muita deferência. Nas festas do Lar, o seu violão tinha assinatura.

Morreu já com uma idadezinha.

Os nossos sentimentos à sua família.

Em caso de dúvida
nalguma palavra deste
jornal, dedique-se por uns
momentos a outra leitura.



8.ª edição



PORTO EDITORA



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUMNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUMNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 00 91 018 - 00 63 748 - FAX 66 73 85
LISBOA - RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 - TEL. 759 72 04 - FAX 7597206



PADRE MANUEL BAPTISTA DE SOUSA

O HOMEM E O SACERDOTE

Em Esposende viveu três acontecimentos de relevância no decorrer do seu múnus pastoral ao serviço da comunidade esposendense: pelas Bodas de Prata de sacerdote, em 3 de Julho de 1980; nas Bodas de Prata à frente da Paróquia de Santa Maria dos Anjos, Esposende, em 13 de Setembro de 1992; quando na investidura de Capelão de Sua Santidade papa João Paulo II, em 1 de Dezembro de 1987.

• ORIGENS

O Padre Manuel Baptista de Sousa é filho de Francisco José de Sousa e de Antónia Ferreira Baptista. Nasceu em 20 de Outubro de 1930, freguesias de Aborim, Concelho de Barcelos, onde se baptizou em 5 de Novembro desse ano.

Feitas as três primeiras classes no Posto escolar de Aborim, concluiu a 4.ª classe na Escola Oficial da Gandra (Quintiães) em 1942. Um ano depois, em 3 de Outubro de 1943, ingressou no Seminário Menor de Braga, estudando filosofia no Seminário de Santiago e Teologia no Seminário Conciliar. Na Capela deste Seminário foi ordenado sacerdote aos 3 de Julho de 1955. A Missa Nova teve lugar na terra natal em 17.7.1955.

Aos 4-9-1955 tomou posse da paróquia de S. Simão da Junqueira, Vila do Conde, onde a sua actividade pastoral incidiu mais sobre as crianças e a juventude, com assistência e organização de cursos e encontros da Acção Católica, fundação do escutismo e cursos de formação de catequistas.

O resultado da sua acção paroquial doze anos após a ordenação, de frutuosa, levou D. Francisco Maria da Silva, ao tempo, Arcebispo Primaz de Braga, a transferi-lo para Esposende. Assim, a convite do Prelado da Diocese de Braga, o Padre Manuel Baptista de Sousa deixou a paróquia da Junqueira e, aos 10-9-1967, tomou posse da vila de Esposende.

Em Setembro de 1969 é nomeado Arcipreste substituto, passando a efectivo com o passamento de Mons. Adelino Lopes Pedrosa, que ocorreu em 16-03-1970.

Em Esposende, Mons. Baptista de Sousa dedica especial atenção à catequese, à juventude e a todos os movimentos de piedade e apostolado, ou a outras instituições da paróquia. Funda o primeiro agrupamento escutista do concelho que por três vezes colocou em franca actividade.

Recebeu e preparou quatro visitas pastorais: duas por D. Manuel Ferreira Cabral, em 1974 e 1981; uma por D. Eurico Dias Nogueira, em 1988 e outra por D. Carlos Francisco Martins Pinheiro, em 1994.

No aspecto material tem sido relevante a sua acção. Promoveu o restauro integral da capela de S. João e de Nossa Senhora da Saúde, o alargamento e urbanização do recinto desta última; o restauro total da igreja Matriz e o seu apetrechamento, a construção do grande centro Paroquial e Social, no qual se integra o Museu de Arte sacra, um centro catequístico, auditório polivalente e sede do escutismo, salas polivalentes para outros serviços da paróquia, também, um centro cultural com biblioteca. Quanto ao Museu, um dos sonhos de

EM TEMPOS DE INTEMPÉRIE RELIGIOSA

(Continuado da pág. 1)

sancionamento do poder-público nem da autoridade religiosa. Tão privado como acontece em nossos dias com o noivado.

Apesar desta informalidade, o estatuto de casados de uma cidadã ou de um cidadão conferia-lhes uma situação de facto, cujos efeitos se reflectiam no problema de legitimidade dos filhos, na questão do dote que as cidadãs traziam quando casavam e poderiam levar em determinadas circunstâncias.

Esta facilidade ou leveza do casamento reflectia-se proporcionalmente na situação do divórcio e bastava que o marido e a mulher se separassem definitivamente. Não era obrigação prevenir o ex-cônjuge da nova situação, dando-se o caso de algumas vezes os cidadãos casados não saberem que estavam divorciados.

Um marido era senhor da sua mulher como o era igualmente das filhas e dos servos domésticos. Se a mulher fosse infiel, isso constituía uma infelicidade igual à gravidez de uma filha ou à falta ao dever de um escravo. O que se censurava num homem enganado era a falta de vigilância que não fora exercida sobre a mulher. Ele, porém, ficava remido", se fosse o primeiro a denunciar o facto

publicamente. O imperador Augusto fez publicar um édito com as "faltas" de sua filha Júlia; Nero não teve pejo em denunciar publicamente que sua esposa Octava o enganava⁽¹⁾.

Verifica-se uma ascensão na mulher ou uma crescente consideração por ela. Nos tempos mais remotos a mulher casada era classificada entre o pessoal doméstico; mais tarde a mulher, socialmente falando, é colocada ao nível dos amigos o que dantes não acontecia.

O fundamento do casamento é a procriação e a ajuda que os esposos prestam um ao outro.

O adúltero é um roubo. Segundo Epiteto, ficar com a mulher do próximo é tão indelicado como à mesa tirar a porção de carne de porco servida ao vizinho do lado.

Séneca diz que o casamento é uma troca de obrigações competindo à mulher obedecer. Numa fase posterior o adultério do marido será considerado tão grave como o da mulher. Como o casamento assenta numa base de amizade, os esposos só devem fazer amor para terem filhos (estrosicismo).

(1) Sob a orientação de Paul Veyne História da Vida Privada I.

Mons. Baptista de Sousa está por completar devido à falta de colaboração de entidades eclesásticas do Arciprestado e com espólio devidamente catalogado após exaustivo levantamento, também, por si organizado.

No restauro da igreja conservou-se tudo quanto tinha de valor artístico, introduzindo novas benfeitorias, entre as quais: relógio electrónico, vitrais de figuras marianas, órgão movido por sistema eléctrico, bancadas, altares, entre outras.

Enriqueceu o Arquivo Paroquial depois de o organizar que mantém actualizado e conservado.

Dedicando-se à pregação, até ao fim de Março de 1998 proferiu 2.888 sermões e 316 tríduos, semanas ou novenas.

Reconhecido o mérito, a qualidade e os dotes de sacerdote, os paroquianos na passagem dos 25 anos de ordenação sacerdotal e de Ministro de Deus ao serviço da comunidade organizaram, em sua homenagem, a celebração das Bodas de Prata.

Foi membro do Conselho Presbiteral de Braga desde a sua constituição até 1990, no qual seria eleito Pároco Consultor na Assembleia do Conselho Presbiteral de 19 a 20 de Novembro de 1984.

• MONSENHOR E A CULTURA

Não surpreende, por isso, o seu interesse por colecções e estudos de história local, tendo publicado: "Esposende e seu concelho, no IV centenário" - 1972 (em colaboração), "História Religiosa da Paróquia de Santa Maria dos Anjos, em três fascículos referentes às capelas - 1977/78/80, "Mons. Adelino Maria Lopes Pedrosa - (em colaboração), Boletim Paroquial da Junqueira" - 1965/67, Boletim Paroquial de Esposende - 1968/79, "Nascer de Novo - Boletim Interparoquial desde 1980 (do qual é Director). "Jornadas Eucarísticas" opúsculo - 1974, "Procissão dos defuntos" (tradução) 1979, "Consagração da Vila de Esposende ao Imaculado Coração de Maria - 1989, "Vida Paroquial e Igreja Matriz - 1993 e Monografia de S. Martinho de Aborim - Movimento cívico e eclesialístico (em preparação).

É neste período (8 de Abril de 1973) que se funda o Grupo Coral de Esposende, tendo em José Novo dos Santos a sua regência. Actualmente, é o prof. António Capitão Ribeiro. O Grupo Coral continua a prestar bons serviços à comunidade cristã de Esposende.

Entretanto, por Breve de 17-7-1987 S.S. Papa João Paulo II nomou-o seu capelão com o título de

Monsenhor, cuja cerimónia de investidura a um de Dezembro teve a pompa e a solenidade dos grandes acontecimentos, a que presidiu o Arcebispo Primaz D. Eurico Nogueira, além de numerosas entidades civis e religiosas do Arciprestado de Esposende e da Diocese de Braga. Aliás, D. Eurico, na alocução proferida na missa concelebrada, disse: "Hoje é um dia histórico nesta comunidade com a homenagem que se faz ao clero". Era o quarto sacerdote do Arciprestado elevado à dignidade de Monsenhor. Apesar de tudo, Mons. Baptista de Sousa, nunca deixou de se preocupar com o tremalharde algumas das suas ovelhas muitas das quais, por si educadas cristãmente.

A sua cultura e a sua preparação intelectual causou muitas surpresas. Frequentou, com distinção, a Faculdade de Filosofia até Abril de 1974, tendo desistido naquela data, devido à perturbação em que o meio académico caiu, após a revolução abrilina. Desde 12-11-1969 até 27 de Abril de 1977 pertenceu às Comissões Municipais, de Turismo, de Arte e Arqueologia.

Veio a ser agraciado com a Medalha de prata de Mérito Municipal pelos 25 anos de actividade Paroquial em Esposende e no Arciprestado, entregue em 19 de Agosto de 1993, Dia do Município.

A casa de apoio à Capela da Senhora da Saúde nunca se concretizou, apesar dos esforços desenvolvidos, com pesar de Mons. Baptista de Sousa. Ficou por realizar, ainda, um grande sonho do seu ministério paroquial: o monumento do Arciprestado em memória de Maria Mãe de Deus e dos Homens, projecto a localizar na paróquia de Palmeira de Faro. Também, a construção de uma nova residência paroquial e o restauro integral da Igreja Matriz.

A Comissão responsável pelas festas de 1998 dedicadas a Nossa Senhora da Saúde e Soledade resolveu, num gesto louvável e de gratidão, homenagear o Pároco de Santa Maria dos Anjos - Mons. Baptista de Sousa - dedicando-lhe este espaço no programa das festividades. Bem o merece.

ARTUR L. COSTA

DO BRASIL

De visita à sua família encontra-se entre nós a nossa assinante Engrácia Reis Patrão.

Que faça entre nós uma boa estadia.

O Director de "O Novo Fanguero" responde ao Sr. Barra Reis

(Cribuado da pág. 12)

Fanguero" e o seu director não são de falsas modéstias. Sentem-se muito honrados com os êxitos atingidos pelos conterrâneos, sejam ou não parentes. E se o forem, tanto melhor.

A propósito, foi também com justificado júbilo que o jornal de 10-6-79 deu a notícia que havia terminado o curso de médico generalista, com distinção, o dr. José Albino Torres Saraiva. E num outro número destacámos o mérito do dr. José Albino ao tratar com notável eficiência dezenas de turistas vítimas de um desarranjo gástrico. Os casos acontecem e o jornal relata. É a sua obrigação.

PARADIGMA DE VIRTUDES

Finalmente e partindo do princípio que quem aconselha e faz críticas deve assumir-se como paradigma de todas as virtudes, pelo menos as do âmbito criticável, vejamos como tem sido o comportamento do sr. Barra Reis enquanto jornalista.

Ultimamente tem-se aguentado no Farol de Esposende, e nós, para não maçarmos muito o leitor, vamos restringir-nos à sua colaboração referente aos anos de 1995-1996, partindo do princípio de que cesteiro que faz um cesto, faz um cento.

As suas crónicas têm por título geral *O MEU CANTINHO* e por sub-título *P'ra cá da ponte*. Subordinado a este e à sua circunstância aparece ainda outro indicativo: *Coisas de Fão e não só*. Entenda-se: Coisas de Fão e não só... para cá da ponte. Começamos então. Em 27-7-95 ele alude à morte de Maria da Glória Pedrosa, a Glorinha do sr. reitor, da época em que assistia à missa das nove, em Esposende, onde se encontravam a referida Glorinha, a Maria Ofélia e Ritinha Padeira, todas três de chinelinha elegante, fina meia, blusinha branca e sainha azul marinho. Refere-se a seguir à fundação da JOC, a monsenhor Cardjim, dedica sete linhas à criação da JOC na terra fanguero pelo bom prior Nogueira e mais sete linhas e meia, parece que também dedicadas a Fão, relevando "aquelas bamboleiras pintadas por mestre Pinta Ratos que encimava a boca do palco do já demolido salão paroquial". A restante parte da crónica é dedicada a Esposende.

Em 7-9-95 faz uma incursão às profundidades temporais de Fão e cita o Agiólogo Lusitano (tomo 3.º, pág. 627) para dizer que em 66 Fão era a cidade romana das Águas Celenas (ainda vai af?).

Em 21-12-95 fala do dia dos finados que tinha ocorrido em 1-11-95 (notícia requentada). E então conta que nesse dia (1-11) visitou os cemitérios de Fão e de Esposende. Pôs-se a recordar os mortos e "dentro das nossas cogitações abordámos um rapaz que foi colega de minha mulher (evoca aqui um seu familiar), seguindo-se uma relação de familiares e amigos do Comandante Tito Evangelista onde aparece "o nosso Tito e... vice-presidente da Câmara de Esposende". Foi um bater nas costas do futuro presidente...

E termina: estas linhas são pois o recordar a mocidade de Esposende, o conterrâneo que em todos os momentos jamais esqueceu a terra natal".

Traduzindo e resumindo: *O Meu Cantinho* virou crónica de Esposende. Seria estultícia da nossa parte desaprovarmos que B.R. fale de coisas

de Esposende em *O Meu Cantinho*, embora subordinado a "para cá da ponte". Achámos piada, isso sim, a que ele nos critique por o nosso jornal focar Esposende. Ouçámo-lo: "A cidade já tem dois quinzenários e lá poderão contar que "a baleia encalhou na praia, que o sapo foi um brincalhão e também fazer a transcrição de factos da história antiga se assim o entenderem".

Não esqueçamos o que acabam de ler, continuemos a digerir as crónicas de Barra Reis e a sua incongruência. Em 8-2-96 "*O Meu Cantinho* fala exclusivamente de locais para deficientes na cidade de Esposende. Mas a jóia da coroa das crónicas de Barra Reis para o *Farol de Esposende* está em *O Meu Cantinho* de 23 de Maio de 1996. Nela o cronista de *P'ra cá da ponte* narra que a sua filha (evoca aqui outro familiar) foi a Esposende e lá encontrou (na redacção de *O Farol de Esposende*) a palrar, como é seu costume, esse bom rapaz e ilustre esposendense dr. Manuel Sobral Torres. "Ora, dr. — continua a crónica de Barra Reis — como gostais de saber velharias de Esposende e guardá-las para o vosso arquivo, eu vou contar-vos algo sobre determinado passado". E então falou ou escreveu sobre o sr. Barbosinha... era genro do Comandante Firmino Loureiro (o pau preto) que, como timoneiro do Club Fluvial (que tristemente acabou), conseguiu numerosas vitórias para Esposende com a célebre tripulação constituída pelos irmãos Carvalhais — dr. António, Álvaro, Luís e Quim. A seguir o cronista (B.R.) fala do Comandante Firmino Loureiro, dos seus netos, Comandante José e Toninho Barbosa e duma ida dos seus familiares ao arraial da Senhora da Saúde.

E depois continua: "Já lá vão 60 anos!!!"

Contou a seguir outra peripécia ocorrida na Quinta-Feira Santa e, se bem percebemos, no estabelecimento do sr. Terra. O sr. Barbosa foi atendido pela D. Antónia, casada com o sr. Terra, tendo-lhe dito que queria um queijo. No meio da barafunda, a senhora procurou a caixa de queijo, e não o (sic) encontrando, pergunta ao marido que se encontrava numa dependência ao lado, que servia de escritório: "Ó Terra, ó Terra, onde está o queijo? Como este não respondeu, insistiu: Ó Terra, ó Terra, onde está o queijo?"

Resposta imediata do Terra zangado: "*O queijo está no C...*"

Continua a crónica do sr. Barra Reis:

"O fogo cruzado andava na Repartição (de Finanças) e surgia a cada momento com o explodir do sr. Barbosa. Acontece que o sr. Roriz aperece com o balancete na Repartição, enquanto o

Emilinho leva ao sr. Barbosa os documentos da caixa e, instigado pelo sr. Roriz pergunta ao sr. Barbosa:

— Então que diabo é isso do queijo? Afinal, sr. Barbosa, onde está o queijo?

E a explosão deu-se: "O queijo está no C..."

Ó sr. Barra Reis... depois destas crónicas, as suas ameaças, as suas críticas, as suas insinuações, os seus conselhos... sabe onde os deve meter?

Exactamente: *nesse stio!*...

CASAMENTO

No dia 19 de Setembro uniram-se pelo sacramento do matrimónio os jovens Cláudia Rosete Oliveira Freitas Silva e Arménio Fernando Ferreira da Silva.

Foi um dia de festa para os coralistas do Bom Jesus. A Cláudia pertence ao grupo e o grupo (Coral de Bom Jesus) solenizou com belos cantos as cerimónias religiosas.

Por sua vez o Arménio é bombeiro dedicado. E vai daí os seus camaradas brindaram o jovem casal com uma Guarda de Honra e com um toque de clarins. Podemos dizer que foi um casamento à Fão.

Aos noivos desejamos felicidades.

FORMATURAS

Terminaram o Curso de Educadoras de Infância, na Escola Superior de Educação Jean Piaget, em Gaia, Célia Maria Leites Lopes, filha de Manuel Mota Lopes e de Prazeres Leites, e Ana Paula Carvalho Vale Miranda, filha de Angélico do Vale Miranda e de Maria Morais Carvalho.

Ambas terminaram com a classificação final de 15 valores e já conseguiram emprego no mesmo local.

As novas bachareis os nossos parabéns e muitas felicidades.



Um aspecto das inundações em Fão (Do arquivo do Dr. Alexandre Torres) 1-4-962 - "J.N."
Gentilmente cedido por seu filho dr. Manuel Sobral Torres

FERNANDO O. ASSUNÇÃO

Sabem quem é: filho de um nosso conterrâneo, Octávio Assunção. Já lhe traçámos o perfil. Pois das duas vezes que estivemos na Expo fizemos questão em estar com ele. De facto Fernando Assunção foi o comissário do Uruguai na Expo/98. Atendeu-nos com muita simpatia, ou não fosse ele um "nieto" de Fão.

Esperamos que um dia arranje tempo para visitar a terra de seu pai.

Até sempre.

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



FERTILIDADE E PRODUTIVIDADE

Assim, a análise foliar permite verificar o valor absoluto da absorção e eventuais deficiências, indicando, imediatamente, se um dado elemento escasseia.

No caso de se suspeitar de carências, o processo consiste em colher folhas com aspecto normal, e folhas com aspecto anormal, em separado, para análise também em separado. A análise é simples. Basta incinerá-las e determinar o teor das cinzas nos diversos elementos nutritivos. As diferenças entre umas e outras tornam-se imediatamente aparentes.

Se se dispõe de dados sobre os valores normais, para aquela variedade, naquele solo, é fácil indicar a dose de fertilizantes a aplicar, determinada por meios experimentais.

Na colheita das folhas há precauções a tomar, evidentemente. Deve-se procurar que sejam retiradas de sectores da planta previamente definidos. Ou são da parte superior, ou da base, ou do meio. Salvo indicação contrária, devem-se colher do meio dos ramos.

A utilização de folhas que tem vindo a ser referida destina-se, particularmente, ao caso de árvores de frutos. Outros métodos de colheita podem ser usados, conforme as culturas.

LEI DO MÍNIMO

Um facto verificado, em consequência

das leis químicas sobre a natureza de compostos (Lei de Dalton), é ser necessário, para cada cultura que ela tenha à sua disposição os elementos em determinadas proporções constantes. Se, por exemplo, faltar o azoto, mesmo que os outros sejam abundantes, a planta não os pode aproveitar, pois lhes falta com que se combinarem. Assim, a produção obtida será correspondente à quantidade existente de azoto, ficando os outros elementos sem utilização. Foi o químico alemão Liebig que, depois de estudar este assunto, o exprimiu na famosa lei do mínimo:

As colheitas são proporcionais à quantidade de elemento nutritivo, na forma assimilável, existente no solo em menor quantidade relativamente às necessidades da planta.

Em consequência desta regra, as adubações, hoje, são estabelecidas atendendo à proporção entre os adubos mais indicada para cada cultura ou sucessão de culturas.

LEI DOS ACRÉSCIMOS DECRESCENTES

Para Liebig, a produção era proporcional à quantidade dos elementos nutritivos. Contudo, à medida que o uso dos adubos ia sendo generalizado, verificou-se, por vezes, ser inútil aumentar a quantidade de adubo, pois a produção não aumentava e, por vezes, até diminuía. É evidente que as plantas, como os animais, não podem "comer" para além da capacidade do seu estômago. Por isso, a partir de certa altura, o adubo é aplicado em desperdício.

Quando aplicamos adubo a uma cultura, a um aumento da sua quantidade corresponde um aumento de produção, que é sempre o mesmo para a mesma quantidade de adubo. A partir de certa altura, porém, o aumento do adubo já não produz o mesmo aumento de produção, mas sim um aumento menor.

Por exemplo:

ADUBO			
20 Kg.			
30 »	(mais 10 Kg.)		
40 »	»	»	»
50 »	»	»	»
60 »	»	»	»
70 »	»	»	»
80 »	»	»	»
90 »	»	»	»

PRODUÇÃO

50 Kg.			
65 »	(mais 15 Kg.)		
80 »	»	»	»

95 »	»	»	»
110 »	»	»	»
120 »	»	10 »	
127 »	»	7 »	
132 »	»	5 »	

Acaba por se chegar a um ponto em que o aumento de adubação não traz aumento de colheita, e depois a produção até diminui. O adubo já não é absorvido, e acaba por ser "indigesto", ou seja tóxico.

Uma das razões é o facto da pressão osmótica da solução do solo se tornar igual ou superior à das plantas, e a osmose dá-se ao contrário, isto é, a planta é que fornece água e elementos nutritivos para o solo.

Foi Mitscherlich quem estabeleceu a lei que exprime este facto, chamada lei dos acréscimos decrescentes, e que se aplica tanto às adubações como a outras operações culturais:

O aumento de rendimento produzido por cada adição da mesma quantidade de um factor em falta vai diminuindo até se atingir o rendimento máximo, que se conserva, ou até, diminui, para posteriores adições.

Esta lei é particularmente importante se compararmos (e é isso que interessa, afinal) os aumentos de despesa com os aumentos de valor da produção.

MEIOS DE AUMENTAR A PRODUTIVIDADE

CORRECTIVOS

Introdução

Dá-se o nome de correctivos a todas as substâncias que se incorporam no solo com o fim de corrigir os seus defeitos físico-químico-biológicos.

Convém não confundir os correctivos com os adubos. Os correctivos servem, como acabamos de ver, para corrigir aqueles defeitos, ao passo que os adubos servem, unicamente, para fornecer ao solo os elementos nutritivos (azoto, fósforo, potássio, etc.) destinados à alimentação das plantas. Porém, os correctivos que se empregam na prática são, em geral, adubos ao mesmo tempo. Assim, os estrumes, os calcários, etc., são adubos e correctivos.

PORTO E LISBOA

“Vistos” em Marbella

Por DIAS COSTA

O jornalista passava frente à galeria de Arte “Catalejo”. Olhou para um dos quadros expostos, integrado em vistosa e interessante mostra “Naif”. E pareceu-lhe ver a Torre dos Clérigos e a Câmara do Porto, embora com algumas “liberdades” do artista sobre as zonas que envolviam os citados locais do Porto. Mas eram mesmo, tal como um outro, que depois vi, e que reproduzia a Praça da Figueira, em Lisboa. Entrei e falei com o dono da “Catalejo”, um uruguaio de nome Juan Cuneo (localidade italiana) que conhece Portugal mas apenas Lisboa e o Sul, pelo que o entusiasmei a vir ao Norte e ao Centro. “Catalejo”, curioso e simbólico nome do óculo de longo alcance com que os marinheiros espreitavam o mar ao longe. “Ver longe” é, mais ou menos, a tradução. Pois também o artista autor dos quadros viu longe. Ele, um sevilhano de nome Ignacio Rodriguez Jurado, com uma exposição cuja abertura foi oficializada pela presença da pintora e colecionadora Duquesa de Alba, bem conhecida do “jet-set” de Espanha. Um artista que já expôs no Porto, na galeria “Nazareth’s”, do que foi realizador na RTP Adriano Nazareth. Dias depois, conheci lá um outro pintor galego, de Orense, com mostras em várias cidades do mundo, bom conhecedor da zona de Aveiro e da Costa Nova, e que já teve trabalhos nas galerias dos clérigos e Arte Antiga. Seu nome; Xavier

Galiza. Com aguarelas muito ao jeito das de Jaime Isidoro.

Foram momentos muito agradáveis de uma estadia que permitiu ainda ver espectaculares esculturas de quatro artistas nos bonitos jardins do Hotel D. Carlos, podendo ser admiradas pelo público em geral. Ainda excelentes espectáculos de um grupo musical de Cuba, o prestigiado António Canales, com dois bailarinos “flamenco” sensacionais, na sua companhia, e a extraordinária bailarina Sara Baras. Também uma boa actuação de um grupo de tango argentino, com um notável executante do tradicional “bandoneon”. Parte apenas de um numeroso e bem qualitativo desfilor de espectáculos durante os meses de Julho e Agosto. Mas, no regresso de Marbella, vi que o mesmo acontecera em Évora. Parabéns, portanto, a uma cidade património mundial mas que, tal como o Porto, tem ainda algo para melhorar para entrar ao nível do título. E no Porto sabe-se como os (poucos) portuenses cívicos sofrem com a falta de respeito de milhares e com uma actuação pouco eficaz da edilidade quanto ao lixo...

“OBRIGADO” MAIS DO QUE “GRACIAS”

Mas, na espectacular Marbella, cada vez mais bonita e muito limpa, nota-se muito a acção da equipa liderada pelo polémico alcaide Gil Y Gil, no momento em “guerra” com o presidente da Junta de Andaluzia. E assim, é espectacular o aspecto da bela Avenida do Mar, onde colocou dez esculturas em bronze, de grande efeito plástico, de Salvador Dali, junto ao monumento que refere a “Liberdade de Expressão” em palavras de Eduardo Soriano (“a liberdade não morre. Nasce e dorme diariamente”). Citada também nas palavras do escritor peruano Mário Vargas Llosa que, ao “Sur”, afirmou, após a cura de dieta que fez numa conhecida clínica de Marbella: “Enquanto exista o regime autoritário,

continuarei a criticar Fujimori”. Curiosas ainda as palavras do escritor, que esteve na feira do livro local e fez uma conferência para várias centenas, dizendo: “Secretamente, todo o novelista aspira a construir um mundo que seja total e completo. Quando um livro me aborrece, deixo-o. Antes, parecia-me um sacrilégio deixar um sem o terminar. Uma novela é uma maneira de prolongar a própria existência. Coloca-se nela algo de muito íntimo”. Polémicas também as afirmações do neto de Franco, Jaime Martinez Bordiu, que pretende ser purista da língua, ao dizer ao elemento da família Espírito Santo (um barco, com este nome. Esteve nas regatas de Palma de Maiorca, tripulado pelo vice-presidente José Manuel, amigo do rei de Espanha): “Obrigado é muito mais bonito do que gracias. Mas, na Galiza, estão agora com a moda do “grazinhas”, que não quer dizer nada”. Afirmação que tem o desacordo do jornalista do “Novo Fanguero”, pois o citado termo é dos mais carinhosos de um falar galego que é, todo ele, uma doçura para os ouvidos e para o sentir. Talvez uma bizarria de um elemento do “jet-set” de Palma e de Marbella. Mas atenção: não quer o jornalista ser injusto. E assim o citar de que, durante Julho e Agosto, toda aquela gente da “Hola” participa em festas, bailes e torneios de golfe de que resultam muitos milhões de pesetas para a luta contra a Sida e Cancro, ajuda à criança necessitada e ao centro Municipal de Transeuntes, onde não há discriminação na ajuda a seres humanos com problemas, sendo dirigido, com muita dificuldade, desde 1995, pelo jovem marroquino de casablanca Mohamed Modawi. O jornalista passou a conhecer algo mais de um país que é bem “familiar” aos portugueses. Até a sua gastronomia, podendo revelar-se que, em Marbella, pelo menos no excelente parque de apartamentos “La carolina”, perto de Puerto Banus, as habilidades da equipa do bar do galego Luciano Martinez, nascido em Payosaco, perto da Corunha, permitem o saborear de todos os petiscos que os nortenhos tanto apreciam na Galiza. Ao contrário, eles não estão tão elucidados sobre os maravilhosos sabores minhotos. A não ser com o bacalhau... E é curioso citar a opinião, bem fundamentada, do articulista do jornal “Sur”, Amando de Miguel, num artigo titulado “Portugal à vista”: “Os espanhóis sabem muito menos de Portugal do que nós deles”. E acrescenta: “os dois países ibéricos deviam reforçar, realmente e não de fachada, os laços culturais, políticos e humanos. E os alunos espanhóis, elo menos das zonas de fronteira, deviam poder estudar a língua e a cultura de Portugal. Sempre houve mais portugueses hispanistas do que espanhóis lusistas”. De acordo, Amando de Miguel. De dar relevo, portanto, à “universidade” dos dois pintores que permitiram ao jornalista “ver” Porto e Lisboa e... Marbella.

NOVO TALHO

JACINTO

Carnes de Qualidade

“APÚLIA”

Talho 1 - ☎ (053) 981920
 Talho 2 - ☎ (053) 981946
 FAX (053) 981920

DAR SANGUE É DAR VIDA



SANGUE: dar hoje, para ter amanhã
 SANGUE: o dever de dar,
 antes do direito de o receber

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

CAMPEONATO REGIONAL DA 1.ª DIVISÃO DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

Plantel para a época 98/99

Nome	Naturalidade	Clube anterior
Castiso	Póvoa de Varzim	C. F. Fão
Miguel	Barcelos	Viatodos
Gemas	Barcelos	Esposende
Paulo Pedras	Fão	Apúlia
Vítor Cardoso	Fão	C. F. Fão
Nelito	Barcelos	Castelense
Carlos Ribeiro	Fão	C. F. Fão
Pedro Ribeiro	Esposende	Marinhas
Henrique	P. Varzim	C. F. Fão
Cristiano	P. Varzim	Apúlia
João Carlos	P. Varzim	Apúlia
Pedro Simões	Fão	C. F. Fão
André	Perelhal	C. F. Fão
David Sousa	Fão	Esposende
Joel	Barcelos	Esposende
Gabi	Barcelos	St. M. Galegos
Toni	P. Varzim	C. F. Fão
Marco Pedras	Fão	C. F. Fão
Jó	Barcelos	Esposende
Vilaça	P. Varzim	Marinhas
Ventura	Barcelos	G. Vicente
Treinador:		
João Capucho	Barcelos	C. F. Fão
Preparador Físico		
Prof. P. Braga	Esposende	Vianense
Médicos: Dr. José Albino e Dr. Carvalho de Matos		

— São estes os elementos do conjunto fangueiro que diariamente trabalham no campo de jogos e pinhal de Fão, com a convicção de que esta época conseguirão o objectivo que não foi possível o ano passado, a subida à Divisão de Honra da A. F. de Braga. Não será uma tarefa fácil pois na época transacta quatro equipas viveram esse

privilégio (entre estas os nossos vizinhos Granda 1.º classificado e Apúlia 4.º lugar) enquanto que este ano apenas ao primeiro classificado caberá esse direito.

Para começar a temporada futebolística, o Clube Futebol de Fão fará um jogo amigável no campo Artur Sobral com a Associação Desportiva de Esposende, os nossos vizinhos que subiram à Divisão de Honra do Futebol Nacional e que têm como treinador esta época o

fangueiro Prof. Luís Reis Pedrosa Campos e continuam também com o atleta fangueiro Jorge Mota Faria mais conhecido por Jó pois David Sousa, outro jogador fangueiro que tinham ao seu serviço foi dispensado ao clube da sua terra. E já que estamos a evidenciar as virtudes dos futebolistas dos nossos conterrâneos esperamos que o Dr. José Albino continue como médico do Gil Vicente clube que também como atleta representou.

PAGARAM A ASSINATURA

Luís Manuel Fonseca da Silva, 1000\$00; Manuel Ferreira Graça, 1000\$; José Capitão Neto, 1000\$; Manuel Lopes Gaifém, 2000\$; Manuel Ribeiro de Sousa, 1500\$; Amadeu Vassalo da Costa, 1000\$; José Moreira Faria, 1000\$; Augusto Miranda de Faria, 1000\$; D. Maria da Conceição Xavier Torrinha Cardoso, 1000\$; D. Olinda da Conceição T. C. Leite, 1000\$; D. Otilia Lavandeiros do Monte, 1000\$; Josias da Silva, 1000\$; Manuel Arantes Gomes, 1500\$; D. Fernanda Helena Caldeira da Cunha, 1000\$; D. Cristina Mendanha Vaz Álvares, Açores, 1000\$; Manuel Faria Graça, 1000\$; D. Maria Irmínia Jesus Silva, 1000\$; Benedita Faria da Silva, 1000\$; Júlio Maciel de Oliveira, 1000\$; D. Laurentina Ribeiro da Silva, 1000\$; Marcos Reis, 1000\$; Alberto E. S. Bermudes, 1000\$; Alberto Ribeiro Bermudes, 1000\$; D. Lídia Mendanha, 1000\$; Manuel Ramiro Branco da Cruz, 1000\$; Mário Gonçalves Ferreira, 2000\$; Luís Manuel Graça Peixoto, 1000\$; António Morais Casanova, 1000\$; José Morais Casanova, 1000\$; Vítor Fontes, 1000\$; Secundino Oliveira, 1000\$; Olímpio Ferreira Graça, 1000\$; José Morgado, 1000\$; D. Adelaide da Costa Sobral, 1500\$; Dr.ª Aida Mariz Mendes, 1000\$; Eng. Mário Ramiro Mariz Dias Ferreira, 1000\$; Eng. José Carlos Mariz Dias Ferreira, 1000\$; Prof.ª Maria Belmira Mariz Dias Ferreira, 1000\$; Dr.ª Maria Teresa Mariz Dias Ferreira, 1000\$; Francisco Faria da Silva, 2000\$; D. Zulmira Borda, 1000\$; Armando Gajeiro Reis, 1000\$; Manuel Ferreira do Vale, 2000\$; Carlos Alberto Vale, 3000\$; Paulino Campos, 1000\$; D. Berta Campos, 1000\$; José Manuel Correia, 1000\$; Samuel Vieira dos Santos, 1000\$; António Jácome, 2000\$; Prof. Manuel Malafaia, 1000\$; Manuel Raimundo D. Ferreira, 1000\$; José Paulo Dias Ferreira, 1000\$; Valdemiro Lopes Cardoso, 1500\$; Amândio

Pereira, 1500\$; Manuel Vale de Sousa, 1000\$; D. Amélia Sousa do Vale, 1000\$; Manuel Ferreira Vasquinho, 1000\$; D. Sameiro Rosa, 1000\$; D. Laurentina Gomes Solinho, 1500\$; Insp. Manuel Grilo, 1000\$; Adelino de Sousa Martins, 3000\$; Evangelista Silva, 1000\$; Amândio da Fonte Gaifém, 1000\$; Carlos Cardoso Figueiredo, 1000\$; José António Cunha Gonçalves Sá, 1000\$; D. Maria Arminda Maciel do Vale Valentim, 2000\$; Fernando Linhares de Castro, 1000\$; Cândido Casanova, 1000\$; Abílio Martins Sobral, França, 1000\$; Dr. José Borda Rodrigues, 5000\$; João Mendanha Cruz, 1000\$; Jaime Maria Vinha dos Santos, 1200\$; Eduardo Paimto da Costa, 1000\$; Eng. Guilherme Manuel Barbosa, 5000\$; António Gomes Viana, 1000\$; Jesus Gomes Viana, 1000\$; Engrácia Reis Patrão, 1000\$; José António Santos Sousa, 1000\$; Manuel Pimenta, 3000\$; Francisco Gomes Amorim, 1000\$; Marcois Reis, 1000\$; Abel da Costa, 2000\$; D. Olga Figueiredo, 1000\$; D. Maria Amélia Marques Santos, 1000\$; Ant. Manuel Marques dos Santos, 1000\$; D. Delfina Ferreira, 1000\$; Carlos Ferreira, Graça, 1000\$; Domingos Simões da Costa, 1000\$; Jaime Cardoso da Fonseca, 1000\$; Angelino Nuno Gomes Maciel, 1000\$; Adelino Gomes Fonseca Saraiva, 1000\$.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:

Mária Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Mária Emília Corte-Real
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quím de Fão
Rosália Oliveira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale
Florinda de Almeida

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua de Cima, n.º 5 - 4740 FÃO
0931.8451867 / Telex. 02-8000295 / 053-981475

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Rua Elias Gacla, 129 - Telex. 815230/884318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de "O NOVO FANGUEIRO"

Anual..... 1000\$00

A cobrança de "O Novo Fangueiro" através dos Correios será por conta do assinante.


Optica Oliveira

Aleixo Ferreira, L.ª

**Gabinete
de Optometria
e Contactologia**

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. (053) 275777 • Fax: (053) 271161 - 4700 BRAGA

O Director de "O Novo Fangueiro" responde ao Sr. Barra Reis

Sem que nada nos obrigasse a transcrever a carta do Sr. Barra Reis inserida no último número deste jornal, nós fizemo-lo, e até com destaque, para rebatermos as inverdades que nela estão contidas e para elucidarmos os nossos leitores acerca dos critérios que seguimos quando fazemos informação. Vejamos o caso do obituário. Quando referimos a morte de alguém, é só desse alguém que nós falamos, não citando, portanto, o nome dos pais, dos irmãos, dos cunhados, dos sogros, dos netos, dos tios e por aí fora. Por vezes, e no caso de o morto não ser muito conhecido, servimo-nos do nome de um parente com o único objectivo de dar a conhecer melhor de quem se trata. Este método tem-nos sido lembrado por algumas pessoas, nomeadamente por fangueiros que vivem longe. Assim aconteceu, por exemplo, com o passamento da nossa prezada assinante Samarina Pereira. Completámos a notícia da sua morte esclarecendo que era irmã do saudoso Agonia Pereira. Por este processo, todo o mundo ficou a saber de quem se tratava.

Por que não fez o mesmo com a notícia da morte do Campos Pimenta, dizendo que era filho do dr. Júlio Pimenta? – inquire o autor da carta. Não citámos o nome do pai – continuámos nós a esclarecer – porque se tratava de uma pessoa que não foi conhecida pelos conterrâneos com menos de cinquenta anos. Cinquenta e... Mas então citava o nome do seu irmão Raúl Pimenta – insiste Barra Reis. E nós continuamos a elucidar: "É que há ainda outro irmão, o Júlio, perante quem contraímos uma dívida de gratidão há já muitos anos. Foi à volta de 1954. Estávamos na tropa e tínhamos dado baixa ao Hospital Militar do Porto. Para passarmos o tempo, precisávamos de um rádio. Ainda não havia televisão. O nosso ordenado mensal na tropa eram 40 ou 80 mil reis, – não nos lembra bem – o famoso pré de um cabo miliciano, que tendo frequentado com aprovação o Curso de Sargentos, permanencia cabo até ao fim da tropa. Vai daí lembrarmo-nos do Júlio que negociava com electro-domésticos, a quem solicitámos, *por empréstimo*, um rádio. No dia seguinte tínhamos na nossa mesinha de cabeceira o aparelho solicitado *pelo tempo que fosse necessário*. O Júlio já não se lembra disso, mas nós não o esquecemos. Para todo o sempre. Mas então – insiste o feroso Barra Reis – citava o nome do Júlio. Se referíssemos o nome do Júlio e omitíssemos o do Raúl, com certeza que reverteríamos tal omissão numa ofensa gratuita para este último. "Nesse caso", finaliza, vitorioso, B.R., "punha o nome dos dois". Seria contra a regra que nós desde o início adoptámos e escancaríamos as portas para um tratamento diferenciado, o que, por princípio, não gostamos de fazer. Não adoptámos a norma "*le journal c'est moi*", mas, sim, "*o jornal são as regras*" e, neste caso, as regras são um nome só.

Temos outro exemplo: o de António Vale, que foi funcionário do hospital. Um seu irmão é o dr. Alberto, nosso amigo e companheiro rotário; outro irmão é o Bernardino, a quem nos une grande amizade e o mesmo símbolo partidário; depois temos uma sua irmã que é nossa assinante e ainda a sua esposa, de raiz pedreirense, que é uma excelente amiga. Por quem optar no caso de querermos referir alguém? Difícil, sem dúvida, e por isso não mencionámos pessoa alguma.

Outro tanto se diga da Miquinhas Turra por quem nutríamos um carinho imenso. Não vai muito tempo, traçámos o seu perfil. Não fomos repetir agora nem ideias nem palavras. De qualquer modo aproveitámos um ensejo para falar da Zairinha. O mesmo aconteceu com o António Vale, quando dissemos que tinha sido operado ao coração, sob a égide de seu irmão Alberto que o acompanhou a Londres. Pudemos destacar estes dois parentes, Zairinha e dr. Alberto, a propósito de qualquer acontecimento real, sem com isso melindrarmos o agregado familiar. Mas esse destaque foi intencional. Subtilezas, subtilezas, caro Watson...

A citação do Adolfo Donana, a propósito da morte de um seu filho, obedeceu ao mesmo critério. O sr. Adolfo era muito conhecido, mas pouca gente sabia quem era António Soares da Silva.

Outro meio adoptado tem sido o das alcunhas. Aconteceu com o "Penedo". Toda a gente o conhecia e não pelo seu verdadeiro nome: António Carlos Soares.

Nas suas lucubrações, infundadas como se vê, Barra Reis invoca vários nomes, várias pessoas, procurando indispor-las contra a pessoa do director do jornal. Até foi buscar o saudosíssimo Tião, filho da Micas Turra. Nós fomos dos sete ou oito fangueiros que estiveram no seu enterro. Não vimos lá o sr. Barra Reis.

OFERTA DE CANUDOS

No seu afã de mal-dizer de quem não gosta – está-lhe na massa do sangue – B.R. passa ao campo social "*onde o senhor Director (de O Novo Fangueiro) oferece canudos não sei a quem*" (a frase é dele: B.R.) e pergunta: "*por que falharam os canudos das licenciadas Inês Cristina Sousa da Fonseca, filha do Jaiminho, e de Ana Paula Carvalho do Monte, filha do falecido Cândido...?*"

Antes de darmos a devida resposta a esta pergunta, fixemos a frase "*onde o senhor Director oferece canudos não sei a quem*" e analisemo-la. Repare-se na falta de concretização que a mesma contém, mas que, por isso mesmo, é uma frase que insinua, que deixa as pessoas mais simples, mais novas e mais crédulas, na dúvida: no entanto, no caso de ser chamado ao tribunal ou à polícia, escudar-se ia com os chavões: "eu não afirmei nada, eu não citei nomes", etc.

Rebatendo agora o seu conteúdo, diremos que, tanto quanto nos lembramos, no nosso jornal, ao longo dos seus quase quinze anos de duração, apenas uma vez demos informação errada sobre o tema em causa. Foi no entanto um familiar da pessoa supostamente licenciada quem nos deu a notícia, fazendo questão que a publicássemos em "O Novo Fangueiro". Por princípio acreditamos no que nos dizem.

E agora, respondendo à pergunta por que falharam os canudos das licenciadas Inês Cristina e Ana Paula, nós queremos dizer que ninguém nos informou de tal nova. Foi pelo mesmo motivo, cremos, que B.R. não citou a recém licenciada Paula Cristina ao lado das outras duas. Meditando bem sobre o assunto, chega-se à conclusão de que para um jornal torna-se difícil ou mesmo impossível saber quais foram as pessoas da terra que receberam grau académico no fim de cada ano lectivo. Seria necessário escrever a todas as faculdades do país

(são centenas) e perguntar: "alguém de Fão licenciou-se nesse estabelecimento de ensino?, É claro que perante uma interrogação tão imprecisa – não avançávamos com qualquer nome – o respectivo secretário mandar-nos-ia dar uma curva bem dada ao bilhar grande. Existe ainda uma outra possibilidade: era a de bater a todas as portas de Fão e inquirir: "Alguém se formou nesta casa?" Trata-se, porém, de uma outra hipótese meramente académica.

SENILIDADE

Perante a evidente incapacidade de responder a tais quesitos, é natural que alguém queira saber do porquê do sr. Barra Reis ao formulá-los. De duas, uma: ou o sr. Barra está senil (*ele não anda bem – essa cabecinha tem desmandos incompreensíveis*) e, portanto, já não capta o que é evidente a cérebros normais, ou agiu de má fé, pois sabendo que a tarefa de contabilizar os recém-licenciados apresenta incontornáveis dificuldades, mesmo assim atira a pergunta, o que pode induzir as pessoas a acreditarem que houve má vontade do director em preferenciar certas pessoas.

Resumindo e simplificando: se o jornal "O Novo Fangueiro" não deu a notícia da formatura das duas pedreirenses, isso ficou a dever-se ao facto de nenhum dos seus familiares ter comunicado a boa nova ao director do jornal que, para tais casos, nunca fez, não faz nem fará qualquer discriminação, uma vez que uma formatura é sempre um enriquecimento para a terra e um motivo de orgulho para todos os conterrâneos.

ÂMBITO FAMILIAR

Nas suas discordâncias, cheias de ferina intenção, o sr. Barra tem outra *boutade*: "verifico o seu âmbito familiar largamente referenciado". Ora, dando uma vista de olhos pelos oito volumes do nosso jornal, constatámos que a frase "seu âmbito Familiar largamente referenciado" é mais uma atoarda do sr. Barra Reis.

A pessoa que socialmente mais se destaca é sem sombra de dúvidas o saudoso Agonia Pereira, o tal a que um jornal dos tempos da outra senhora chamou *neo-comunizante* – lembra-se, sr. Barra Reis? – o que na altura lhe poderia ter dado prisão.

Pois o sr. Agonia Pereira foi um dedicado fangueiro – sim, sabemos que nasceu em Esposende – dirigiu várias instituições da terra, foi jogador de futebol, actor, presidente da Junta, jornalista e emérito marialva. De tudo ou do muito que ele fez, o jornal deu testemunho, traçou-lhe o perfil e até publicou a notícia de ter levado para sua casa três senhoras alemãs, ele cujo léxico estrangeiro se resumia a *les e oull...* Mas lá que elas saíram satisfeitas, também é verdade.

"O Novo Fangueiro" também celebrou com pompa e circunstância o doutoramento dos médicos Jorge Areias e Hercúlia Guimarães se este jornal dá notícia de um bacharelato ou de uma licenciatura, não podia ficar indiferente aos doutoramentos referidos, que por serem de parentes muito estimados não iam ficar na sombra. "O Novo